

## O PROCESSO DE COMPREENSÃO DOS TEXTOS HUMORÍSTICOS E IRÔNICOS NA PROVA BRASIL

Raquel Amaral Lima<sup>16</sup>

Resumo: Neste trabalho, refletimos sobre o processo de compreensão dos textos humorísticos e irônicos na Prova Brasil, partindo do pressuposto de que esse tipo de leitura leva em consideração a exterioridade da língua, ou seja, o contexto histórico e ideológico e não somente a forma, o sistema linguístico. Nosso objeto de estudo são três questões da Prova Brasil do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, que remetem ao Tópico V – Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido, das Matrizes de Referência do Saeb, o qual tem seis descritores, sendo o descritor em análise o D16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados. Analisamos esses enunciados levando em consideração o campo de utilização deles, pois cada campo de utilização elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, denominados por Bakhtin (2011) de gêneros do discurso. Buscamos para nossa análise um aporte teórico no dialogismo de Bakhtin (2010, 2011) e na produção de sentidos em tema e significação do mesmo autor (2012), bem como a questão da memória em Achard (2010). Essas teorias muito contribuíram para chegarmos à conclusão de que, no processo de compreensão desse tipo de texto, ocorre um processo dialógico que permeia qualquer ato de leitura.

Palavras-chave: Gêneros discursivos; Dialogismo; Leitura; Textos humorísticos e irônicos; Ensino.

Abstract: In this work, we reflect on the process of understanding humorous and ironic text on Prova Brasil, assuming that this kind of reading takes into account the exteriority of the language, that is to say, the historical and ideological context and not only the form, the linguistic system. Our object of study are three questions on Prova Brasil from Ensino Fundamental I, II and Ensino Médio (Primary School I, II and High School) that refer to Topic V – Relations between expressive resources and meaning effects, from the Matrizes de Referência do Saeb (Matrixes of Reference of Saeb) which have six descriptors, the descriptor in analysis being the D16 – To identify effects of irony or humour in various texts. We analyze these formulations taking into account their field of use, as each field of use elaborates its relatively stable kinds of utterances, which are called speech genres by Bakhtin (2011). We seek for our analysis a theoretical contribution based on Bakhtin dialogism (2010, 2011) and the production of meanings on theme and meaning by the same author (2012), as well

as the issue of memory in Achard (2010). These theories greatly contributed to our conclusion that in the process of understanding this type of text, a dialogic process occurs that permeates any act of reading.

**Keywords:** Discourse Genre; Dialogism; Reading; Humorous and ironic texts; Teaching.

### **Dialogismo e processo de compreensão em textos humorísticos e irônicos**

O gênero do discurso é um termo relativamente novo quando se pensa em Educação Básica e Ensino de Língua Portuguesa. Na verdade, é um conceito que começa a se tornar de conhecimento dos docentes em 1990, pois em 1970 predomina a Teoria da Comunicação e, em 1980, a Sociolinguística e a Linguística Textual. Somente em 1990 é que percebemos uma forte predominância de conceitos do Círculo de Bakhtin, como a questão do gênero, e a influência dos estudos discursivos no Ensino da Língua Portuguesa, sendo o texto alçado a objeto central nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1995. Já em 2017, a BNCC vem novamente reformular e introduzir novos gêneros no Ensino de Língua Portuguesa, tendo a Prova Brasil se adequado parcialmente a essas mudanças. “Com o estabelecimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as matrizes de referência do Saeb foram revisadas. Os testes de língua portuguesa e matemática seguem como referência para as matrizes vigentes do Saeb, de 2001. Já as matrizes dos testes de ciências da natureza e ciências humanas do 9º ano, os de língua portuguesa e matemática do 2º ano, seguem a BNCC, de 2017 (BRASIL, 2020).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) abordam a questão do gênero e do discurso, pois toda a interação pela linguagem é uma atividade discursiva. Nesse ato interlocutivo, o enunciador produz seu discurso, mesmo que inconscientemente, a partir da imagem que ele tem do outro, das condições de produção, ou seja, tempo e lugar, a classe social à qual pertence, bem como o nível de conhecimento. Esse conjunto de fatores determina a escolha do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção dos recursos linguísticos.

De acordo com esses documentos, é papel da escola formar cidadãos que saibam compreender como o gênero se estrutura e qual a função social dele, que consigam se comunicar, ler e escrever textos usando gêneros adequados às condições de produção do discurso, que compreendam que todo texto se organiza dentro de determinado gênero e que esses gêneros se diferenciam por possuírem especificidades, como conteúdo temático, construção composicional e estilo.

Há diferentes gêneros que têm como uma das características apresentar o humor, alguns deles vêm

sofrendo um processo de recontextualização, reconfiguração e hibridização de gêneros já existentes, geralmente são os que chamamos de midiáticos. Segundo Ottoni (2007), há o Cartum, a Charge e as Piadas visuais, que utilizam recursos verbais e não verbais, e as Piadas, predominantemente verbais.

As Charges e os Cartuns geram confusão quando tentamos identificá-los, porém, há traços que definem cada um desses gêneros. A Charge é um texto caricatural de pessoas conhecidas, está sempre ligada a um contexto de produção, ou seja, trata de assuntos da atualidade e dos costumes de uma época ou região. Já o Cartum é atemporal, trata de um fato comum à humanidade, não apresenta personagens conhecidos. A piada é uma narrativa curta, constituída ou não de diálogos e apresenta um final inesperado.

Esse estudo enfoca os gêneros cuja essência é trabalhar o jogo com as palavras para que se possam produzir diferentes sentidos, levando em consideração o contexto histórico, cultural e social. Ao pensarmos sobre os gêneros, não podemos focar somente os aspectos composicionais e a função social, mas principalmente como são lidos, observando, principalmente, o contexto cultural e social dos leitores, pois só haverá compreensão se olharmos atentamente a exterioridade da língua. É de suma importância não só conhecer o gênero, mas saber lê-lo, interpretá-lo e relacioná-lo a outros textos, por isso se torna primordial a análise feita neste trabalho. Salientamos que nosso interesse nesse assunto se dá porque a Prova Brasil e a Matriz de Referência do SAEB influenciam o modo como trabalhamos com textos e Língua Portuguesa em sala de aula, já que o conhecimento dos discentes em leitura é testado nessa avaliação.

Muitos trabalhos têm sido elaborados sobre a questão das piadas e de textos irônicos, porém, um tema nunca se esgota, pois sempre poderá ser visto a partir de um olhar diferente, ainda mais quando se trata de analisarmos esses textos como elementos de questões da Prova Brasil e como se dá o processo de compreensão deles. Vemos a compreensão como um processo dialógico em que o leitor dialoga com o texto não de forma pacífica, sempre concordando com o que lê, mas de modo a questioná-lo e a transformá-lo em outro texto, em outro enunciado. Esse diálogo também ocorre entre textos e entre discursos, pois um texto nunca é a origem de determinado discurso. O leitor sempre o relacionará a outros textos, respondendo a eles ou refutando-os, a mesma coisa se dá com os discursos que se atravessam constantemente.

A Matriz de Referência do Saeb tem seis tópicos, cada um, dividido em descritores que indicam as habilidades a serem avaliadas na Prova Brasil. Esses tópicos estão expostos na Matriz de Referência de Língua Portuguesa do Saeb e analisaremos as questões que foram aplicadas aos discentes do Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio. Nosso corpus se relaciona ao tópico V – Relações entre recursos expressivos

e efeitos de sentido, o qual tem quatro descritores: D16, D17, D18 e D19. Interessa para a nossa análise o descritor 16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.

Faremos uma exposição sobre o dialogismo de Bakhtin, tema e significação, ou seja, como se dá a relação entre o linguístico e a historicidade no processo de compreensão das questões analisadas.

Dialogismo é um termo recorrente e peça principal na teoria de Mikhail Bakhtin, bem como do círculo que se formou em volta de suas ideias, o qual denomina-se Círculo de Bakhtin. Esse trabalho tem como proposta reunir os aspectos relacionados ao dialogismo em algumas obras do autor. Em “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, o autor fala do diálogo entre os interlocutores e entre os textos quando se olha em uma perspectiva da língua viva, concreta e não como um sistema linguístico. Para ele, não pode haver diálogo entre orações, palavras e frases no âmbito linguístico, somente em um âmbito extraverbal, ou seja, o texto não deve ser interpretado somente como uma entidade linguística, devendo ser sempre relacionado a uma exterioridade.

Analisando o processo dialógico da linguagem e sua contribuição para a compreensão de sentidos é que tentamos relacionar sempre o linguístico e o extralinguístico.

Há um relacionamento entre o texto real e a sua compreensão que se dá em forma de conversa e interrogação, isto é, a compreensão é dialógica. Nós perguntamos a nós mesmos e não à natureza, pois ela não nos responde, organizamos nossa pesquisa e a experiência de forma que podemos obter respostas. Quando se estuda o homem, procuramos compreender os signos que o envolvem em toda parte, só interpretando esses signos é que podemos compreender os significados (BAKHTIN, 2011, p. 313).

A compreensão como parte do processo dialógico instaura um terceiro no diálogo, que seria o entendedor, porém esse terceiro não é um sujeito único, podendo ser uma coletividade formada por vários sujeitos. Esse processo de compreensão dialógica pode modificar o sentido total do que está sendo interpretado ou não, dependendo se há ou não cumplicidade cultural entre interlocutores. Essa cumplicidade cultural entre os interlocutores contribui para que se possa ou não compreender um texto humorístico, sarcástico.

Segundo Bakhtin (2011), existem ficções na linguística em relação ao falante e ao receptor, pois o falante é ativo e o receptor tem um papel passivo, ou seja, os processos discursivos de compreensão do ouvinte se dariam de forma passiva. Esses esquemas, quando não observados na comunicação discursiva real, tornam-se ficção. Na comunicação discursiva, “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou

discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.” (BAKHTIN, 2011, p. 271). Essa relação dialógica do leitor com o objeto de leitura de forma responsiva e ativa, relacionando sempre o linguístico, é o que nos interessa nessa análise. Ainda de acordo com Bakhtin (2011), a compreensão é dialógica, responsiva e ativa, podendo ocorrer de formas diferenciadas nos gêneros, seja na forma de ação, seja na forma silenciosa. Essa forma de resposta silenciosa às vezes tem um efeito retardado, pois o que foi ouvido e entendido poderá ser usado posteriormente em outros discursos ou na mudança de comportamento do ouvinte. Todas essas observações feitas pelo autor servem ao discurso lido ou escrito.

Levamos sempre em consideração a relação do linguístico e a sua exterioridade no processo de compreensão do texto humorístico e irônico, por isso nos é salutar mais uma teoria de Bakhtin (2012) em que o autor fala sobre o tema (enunciação) e a significação (sistema linguístico). O sentido estaria relacionado a essas duas instâncias, que são interdependentes: uma seria o tema, que estaria ligado ao contexto histórico e social da enunciação não reiterável, não reproduzível e única, ou seja, esse sentido está ligado ao momento da enunciação; a outra seria a significação própria da língua sempre repetível e reiterável. Para o autor, o sentido não estaria relacionado somente ao sistema linguístico, mas a um contexto de produção de sentido. Para ele, o sentido sempre estaria relacionado a tema e significação:

Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo. Vamos chamar o sentido de enunciação completa o seu tema. Somente a enunciação tomada em toda a sua amplitude concreta, como fenômeno histórico, possui um tema. Isto é o que se entende por tema da enunciação (BAKHTIN, 2012, p. 134, grifos do autor).

A significação se diferencia do tema, pois ela é idêntica em todas as instâncias históricas em que é usada. Ela se compõe do sentido de todas as palavras que a integram e pode ser segmentada e analisada. Já o tema sempre se apoiará na significação, pois é ela que confere a estabilidade que lhe permite se ligar a enunciados que o seguem e precedem, ou seja, é a estabilidade da língua, sua significação que faz com que os enunciados se liguem em forma de rede de compartilhamentos e tenham sentido.

Como nosso interesse é a compreensão de textos humorísticos e irônicos, não podemos deixar de mencionar Bakhtin (2012) no que diz respeito ao processo de compreensão. Para ele, ao pensarmos no processo de compreensão, devemos salientar o signo, que é ideológico e está sempre relacionado a um contexto histórico, social e cultural, pois, se levarmos em consideração somente o sinal que é próprio da língua enquanto sistema chegaremos

ao nível da identificação e não da compreensão. Ressalta-se também que a compreensão só se concretiza no diálogo e na incitação a respostas. Não existe compreensão se não houver respostas, no sentido de concordar, discordar ou transformar o discurso do outro. Não há sentido no monólogo, pois o sentido exige diálogo entre os enunciados.

Outro aspecto trabalhado por Bakhtin (2010) e que nos interessa muito é o discurso parodístico e irônico, pois, nesse tipo de texto, o locutor imita o discurso do outro de forma a hostilizá-lo. Nesse caso, o diálogo que se dá é entre vozes, o locutor reveste a linguagem de uma orientação semântica oposta à do outro, as duas vozes não se fundem, porque entram em luta constante. A paródia pode se dar em diversos âmbitos, através do estilo do outro, desde que mantenha a sua função de hostilidade com esse discurso. Ela também pode recair sobre a maneira, o tipo e a característica social do outro de ver, falar e pensar, podendo ser superficial ou profunda, mas, em todos os casos, a relação entre o autor e o discurso do outro permanece a mesma.

Como vimos, há várias maneiras de nos aproximarmos do discurso do outro. Em alguns casos, essa aproximação é de cumplicidade cultural. A nossa voz se funde à voz do outro, enquanto em outros casos esse contato se dá simplesmente para reforçarmos as nossas próprias palavras, havendo ainda o revestimento dessa voz das nossas próprias palavras, que podem ser estranhas e hostis a ela. Nos textos irônicos que analisamos, percebemos a apropriação do discurso do outro de forma hostil e de maneira a rebater discursos estabilizados e tidos como verdades absolutas, ou seja, há descolamento de sentidos.

### **Leitura de textos humorísticos, irônicos e o papel da memória na interpretação**

Parece banal falar sobre a leitura de textos humorísticos e irônicos porque há discursos enganosos sobre essa prática, já que muitos os veem como uma leitura fácil e somente prazerosa, passível de nos levar ao riso. Porém, se observarmos esses textos, perceberemos que eles exploram e criticam discursos machistas, homofóbicos e atravessados por estereótipos preconceituosos contra grupos minoritários, só por isso já merecem uma leitura mais atenta.

No ambiente escolar e de provas externas, nem sempre esses textos são abordados de forma adequada, por isso, é preciso mostrar aos leitores desatentos que esses textos estão permeados por múltiplos sentidos e estão atravessados pelo histórico, social e ideológico. Possenti (2010) aborda a análise desse tipo de texto destacando que a leitura deles é complexa e exige uma análise linguística para entendermos como são produzidos os sentidos. O autor faz algumas observações de que muitas análises feitas desses materiais são psicológicas ou sociológicas e não focam no linguístico,

deixando de analisar como os sentidos são produzidos. Ele diferencia as piadas dos textos com pitadas de humor, dois tipos que têm como características marcantes a surpresa e o imprevisto. Os primeiros seriam mais grosseiros e diretos e fariam mais alusões a temas “baixos”, enquanto os segundos seriam mais refinados e teriam grandes passagens sem nenhuma característica de humor.

Para ele, a complexidade pode ser percebida pela ideia de que algumas piadas supõem leitores específicos que partilham saberes e memórias específicas.

Além disso, exige-se uma capacidade de sacar trocadilhos, duplos sentidos, alusões etc. Nesse sentido, as piadas são um tipo de texto específico, porque, se é verdade que todos os textos supõem algum “conhecimento prévio” ou “enciclopédico”, a piada exige, além disso, uma precisão cirúrgica na leitura de certa passagem (em geral no seu final) (POSSENTI, 2010, p. 110).

O autor trabalha com a ideia de conhecimento prévio ou enciclopédico, e nós trabalhamos com o conceito de memória discursiva de Achard (2010), segundo o qual, reconhecemos os sentidos pelas regularidades no uso de determinados enunciados e não pela repetição, pois é por meio das regularizações que instalamos uma ponte entre o linguístico e o histórico e percebemos os deslocamentos nos textos de humor e os efeitos de sentido, bem como a ligação entre tema e significação, porque, para compreendermos, precisamos ligar o linguístico e a exterioridade.

Para Pêcheux (2010), a memória discursiva seria aquilo que, em um texto, surge como um acontecimento a ler e que vem estabelecer os implícitos, que seriam os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc. Essas memórias são materializadas por meio de formas linguísticas, mas elas são só o suporte, pois estão relacionadas a imagens e inseridas em práticas, “a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação” (ACHARD, 2010, p. 17). Esse passado, mesmo que memorizado, só pode trabalhar por meio das reformulações que permitem reenquadrá-lo no discurso concreto face ao qual nos encontramos.

Possenti (2010) ainda ressalta que uma análise de piadas que se pauta na análise do discurso, em nosso caso na análise dialógica do discurso, deve se pautar nas descrições linguísticas, enquanto para Pêcheux descrição e interpretação devem ser simultâneas, ou seja, uma análise sem descrição é uma análise de comentário, sociológica ou psíquica. Freud reconhece os chistes mais por suas formas linguísticas do que por processos psíquicos e ligados ao sonho e ao esquecimento.

Por isso nos pautamos por uma análise que se desenvolve na descrição linguística simultaneamente à interpretação, pois pretendemos mostrar como se dão os efeitos de sentido.

Uma coisa é ler “bem” um texto, outra é ser capaz de mostrar explicitamente por quais meandros passou certa leitura, quais são os elementos do texto responsáveis por certos efeitos de sentido – não por si sós, mas no texto em questão é por causa de sua relação com outros, a ser também demonstrada de maneira explícita. Uma coisa é matar a cobra. A outra é matá-la e mostrar o pau (POSSENTI, 2010, p. 170).

Em poucas palavras, Possenti (2010) nos ajuda a resumir quais são os caminhos tomados em nossa pesquisa.

### **Análise do Corpus**

Analizamos três questões-modelo da Prova Brasil para verificarmos como se dá o processo de compreensão de textos humorísticos e irônicos, levando em consideração o dialogismo, que não é visto como um diálogo pacífico, mas um processo em que se dialogam textos e enunciados em forma de concordância, discordância, transformação ou dúvida, bem como a memória discursiva, ou seja, enunciados que são esquecidos e lembrados, mas adquirindo outros sentidos. Levamos em consideração também no processo de compreensão a intertextualidade que ocorre na forma do discurso parodístico e irônico, que é a retomada do enunciado do outro de uma maneira a ser hostil a ele.

Faremos uma análise de questões referentes ao tópico V – Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido, o Descritor D 16 – Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados. Portanto, os textos que analisaremos são pautados nesse descritor e têm como efeito de sentido o humor ou a ironia. Essa questão é referente à primeira fase do Ensino Fundamental.

#### *QUESTÃO 1 CONTINHO*

*Era uma vez um menino triste, magro e barrigudinho. Na soalheira danada de meio-dia, ele estava sentado na poeira do caminho, imaginando bobagem, quando passou um vigário a cavalo.*

*– Você, aí, menino, para onde vai essa estrada?*

*– Ela não vai não: nós é que vamos nela.*

*– Engraçadinho duma figa! Como você se chama?*

*– Eu não me chamo, não, os outros é que me chamam Zé.*

*MENDES, Paulo Campos. Para gostar de ler – Crônicas. São Paulo: Ática, 1996.*

*Há traço de humor no trecho:*

*a) “Era uma vez um menino triste, magro”.*

*b) “ele estava sentado na poeira do caminho.”*

*c) “quando passou um vigário”.*

*d) “Ela não vai não: nós é que vamos nela”.*



Ao analisarmos os itens assinalados pelos discentes, percebemos que a maioria deles escolheu as alternativas A e D, com a alternativa A sendo a mais escolhida que a D. As alternativas B e C também receberam quase a mesma quantidade de marcações. Causa estranheza o maior percentual da alternativa A, pelo fato de pensarem que “era uma vez um menino magro, triste” apresente humor. O que inferimos é que talvez nem saibam o significado da palavra humor. O item B até faz sentido, porque muitos estudantes, por causa da imaturidade, podem achar que estar sentado em uma poeira seja engraçado. O item C já se torna quase inexplicável, porque o fato de um vigário passar por determinado lugar não causa graça, embora possa ser inferido que eles optaram por essa resposta pelo desconhecimento do significado da palavra “vigário”. Um percentual até grande, mas não o maior, assinalou o item correto, que é a letra D, e percebeu o humor. Analisaremos com maior profundidade esse item nos próximos parágrafos.

O texto se intitula “Continho” provavelmente por ter uma forma reduzida, porém, essa forma reduzida não prejudicou os sentidos que estavam propostos ali; por ser do gênero anedota, tem como finalidade produzir humor através de um trabalho com/na língua. Estamos de acordo com a ideia de Possenti (2010) de que o sujeito se põe a distância e trabalha com a língua para produzir determinados efeitos de sentido. Isso não quer dizer que somos adeptos da ideia de que o sujeito é intencional, livre e atravessado pelo histórico e ideológico, por isso que o sujeito se coloca a distância do discurso.

Nessa anedota, o autor trabalha com as possibilidades dos deslizos que a língua nos proporciona para produzir o humor. Percebemos que ele trabalha em um jogo entre o sinal e o signo, o mutável e o imutável, o identificável e o compreensível, entre o tema e a significação. Observamos que ele relaciona o estável da língua ao tema que está ligado ao contexto histórico e social, ou seja, da língua viva. Ele também trabalha com o diálogo responsivo para a produção dos sentidos, diálogo que quer dizer, nesse caso, transformação do discurso do outro – outro que se refere tanto ao interlocutor quanto ao social. Segundo Bakhtin (2011), para que haja compreensão, é necessário haver um diálogo entre interlocutores, entre eles e o objeto e entre textos. No texto, há um diálogo instalado no próprio texto e há um diálogo entre o texto e o leitor, que o compreenderá de forma responsiva. Bakhtin esclarece o que chama de sentido: “Chamo sentido às respostas. Aquilo que não responde a nenhuma pergunta não tem sentido para nós” (2011, p. 381).

O autor nos apresenta um personagem inesperado para um gênero humorístico, pois o menino não parece engraçado, nem pelas características físicas nem psicológicas: “um menino triste, magro e barrigudinho”. Além disso, as características do tempo e do lugar, descritos

respectivamente como ensolarado e empoeirado, instalam uma mensagem que não provoca humor. O humor somente se apresenta no jogo com a língua.

O enunciado “Você, aí, menino, para onde vai essa estrada?” é bem conhecido dos falantes de língua portuguesa e não nos causa estranheza, porém o menino usa o enunciado do outro (vigário) e o desconstrói de forma a zombar dele, ironizá-lo. É o que Bakhtin (2010) diz que acontece no discurso paródico e irônico, em que o interlocutor repete o que o outro disse, mas o reveste de um novo acento.

O menino identifica esse enunciado como sinal, no nível da significação que é próprio do sistema linguístico ao responder: “Ela não vai não: nós é que vamos nela”. Essa desconstrução do enunciado, demonstrando que a estrada não poderia ser o sujeito da frase, é que produz deslizes no sentido do enunciado e, por isso, produz humor.

No outro enunciado, percebemos que o efeito de humor também é de um deslocamento entre tema e significação e também na forma de responsividade do menino, que compreende o enunciado de maneira equivocada, produzindo o humor. O texto admite várias interpretações, mas nem todas são válidas, nesse caso, a finalidade dessa interpretação a torna aceitável. No enunciado “Engraçadinho, duma figa! Como você se chama?”, não percebemos nada que nos cause estranhamento, porém o menino interpreta o pronome “se” como reflexivo, desconstruindo o sentido que ele possui no uso da língua viva e relacionado a um contexto. Ele responde com um enunciado que é bem lógico a partir da interpretação que ele faz: “Eu não me chamo, não, os outros é que me chamam de Zé.” Pelo conhecimento cultural da língua, sabemos que não tem como alguém se chamar.

Vemos que o tempo todo o que produz humor é a relação do tema com a significação e que só pode haver compreensão em um processo de responsividade do leitor ao compreender essa interdependência entre tema e significação, ou seja, entre o estável e o contexto social e histórico.

A questão indaga qual enunciado produz efeito de humor, ou seja, a verificação se o discente consegue perceber os jogos com a linguagem que produzem humor. Mas, para perceber esses efeitos de sentido, ele deveria relacionar o enunciado ao que o precede e o segue e também conhecer a significação da palavra humor, bem como relacionar a língua ao contexto social e histórico. Só com o reconhecimento do repetível, dificilmente se alcançará o novo, o compreensível.

## Questão 2

Essa questão também foi retirada do caderno de questões da Prova Brasil e era endereçada a alunos da segunda fase do Ensino Fundamental, ou seja, 9º ano. A questão é endereçada aos estudantes da nona série porque

somente os alunos do 5º e 9º anos e 3ª série do Ensino Médio fazem a Prova Brasil.

*O CABO E O SOLDADO*

*Um cabo e um soldado de serviço dobravam a esquina, quando perceberam que a multidão fechada em círculo observava algo. O cabo foi logo verificar do que se tratava.*

*Não conseguindo ver nada, disse, pedindo passagem:*

*– Eu sou irmão da vítima.*

*Todos olharam e logo o deixaram passar.*

*Quando chegou ao centro da multidão, notou que ali estava um burro que tinha acabado de ser atropelado e, sem graça, gaguejou dizendo ao soldado:*

*– Ora, o parente é seu.*

*Revista Seleções. Rir é o melhor remédio. 12/98. p. 91.*

*No texto, o traço de humor está no fato de:*

*a) o cabo e um soldado terem dobrado a esquina.*

*b) o cabo ter ido verificar do que se tratava.*

*c) todos terem olhado para o cabo.*

*d) ter sido um burro a vítima do atropelamento.*

O estudante, após ler atentamente o texto, deveria escolher a alternativa que demonstrasse o motivo do humor no texto. No caderno PDE/ Prova Brasil, podemos observar um alto índice de acertos, pois 74% dos estudantes assinalaram a alternativa D. As outras alternativas ficaram assim distribuídas: 5% assinalaram a letra A (O cabo e o soldado dobraram a esquina), o que faz pouco sentido, pois a única forma de termos humor nesse enunciado seria se o leitor compreendesse a palavra dobrado no sentido literal, ou seja, dobrar a esquina seria algo inusitado que fugiria do corriqueiro; 10% assinalaram a alternativa B (O cabo ir verificar do que se tratava), o que também é estranho, pois não tem como vermos humor no fato de o cabo ir bisbilhotar. Já o item C foi assinalado por 9% dos estudantes, que acharam o fato de todos olharem para o cabo algo engraçado, o que também não faz sentido, pois não é engraçado. Percebemos, portanto, que a maioria dos discentes do 9º está apta a identificar o humor presente nos textos.

Por ser uma questão proposta aos alunos do 9º ano, esperávamos que ela apresentasse um maior grau de dificuldade, no entanto, o texto, por ser do gênero anedota, é curto e não apresenta maior complexidade do que o anterior. O título do texto nos apresenta dois personagens que têm funções hierárquicas diferentes, um é cabo e o outro soldado. Ambos estão em um ambiente que retrata seriedade, pois eles estão na rua e veem uma multidão ao redor de algo. Quando vemos uma multidão ao redor de algo, geralmente ligamos esse fato a um acidente, e o aglomerado de pessoas, na maioria das vezes, está ligado à curiosidade. É a curiosidade que leva o cabo a dizer um enunciado

muito usado nessas ocasiões para obter passagem: “Eu sou parente da vítima”. Esse enunciado é da ordem do repetível, porém pode mudar o sentido, pois ele se relaciona a outros enunciados que o seguem e o precedem e a uma exterioridade social e histórica.

Courtine (1999) nos alerta sobre o fato de que devemos dissociar e articular dois níveis diferentes, o da enunciação e do enunciado. No primeiro caso, há um sujeito enunciador em uma situação de enunciação, ou seja, o sujeito do *aqui e agora* dos discursos, e o segundo é o que se insere em um espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos, isto é, o interdiscurso. É do interdiscurso e do domínio de memória que o cabo se apropria do enunciado “Sou irmão da vítima” para conseguir a passagem. Ele, através da exterioridade da língua, sabe que o enunciado nesse contexto teria tal efeito.

Ao observarmos o enunciado, percebemos através dos implícitos e do contexto histórico e social que a vítima só poderia ser uma pessoa, até mesmo porque o lugar é um espaço urbano. Porém, ao se aproximar, o cabo vê que a vítima é um burro, o que provoca um deslocamento do sentido da palavra vítima, que deixa de ser uma pessoa e passa a ser um burro. Isso gera humor, pois sabemos, pelo reconhecimento da exterioridade histórica, que o burro não poderia ser irmão do cabo (aliás, não só o burro, mas qualquer outro animal, mesmo um cavalo, que seria menos ofensivo do que o burro). Chamar uma pessoa de burra é dizer que ela é ignorante, desinformada e tem pouca criatividade, portanto, ser irmão de burro não é algo agradável e pode implicar em ser burro também. Por isso, percebendo o embaraço, o cabo diz que o parente é do soldado.

Mais uma vez, observamos que, para que haja compreensão, é preciso associar o linguístico e a forma a uma exterioridade histórica, ou seja, relacionar o tema à significação. A questão pretende verificar se os discentes conseguem perceber o enunciado ou as condições de produção que causaram o efeito de humor, e a percepção desse efeito só pode acontecer ao se relacionar o linguístico ao não linguístico, ou seja, a forma ao contexto histórico e social. O que se propõe ao discente é que a leitura do texto leve em consideração a relação entre esses dois níveis.

### Questão 3

Esta questão foi retirada do site do Inep como modelo de questão da Prova Brasil e foi proposta aos alunos da 3ª série do Ensino Médio.

#### *A FORMIGA E A CIGARRA*

*Era uma vez uma formiguinha e uma cigarra muito amigas. Durante todo o outono, a formiguinha trabalhou sem parar, armazenando comida para o período de inverno. Não aproveitou nada do Sol, da brisa suave do fim da tarde*

*nem do bate-papo com os amigos ao final do expediente de trabalho, tomando uma cervejinha. Seu nome era “trabalho” e seu sobrenome, “sempre”.*

*Enquanto isso, a cigarra só queria saber de cantar nas rodas de amigos e nos bares da cidade; não desperdiçou um minuto sequer, cantou durante todo o outono, dançou, aproveitou o Sol, curtiu para valer, sem se preocupar com o inverno que estava por vir. Então, passados alguns dias, começou a esfriar. Era o inverno que estava começando. A formiguinha, exausta, entrou em sua singela e aconchegante toca repleta de comida. Mas alguém chamava por seu nome do lado de fora da toca. Quando abriu a porta para ver quem era, ficou surpresa com o que viu: a cigarra, dentro de uma Ferrari, com um aconchegante casaco de visom. E a cigarra falou para a formiguinha:*

*– Olá, amiga, vou passar o inverno em Paris. Será que você poderia cuidar da minha toca?*

*– Claro, sem problema! Mas o que lhe aconteceu? Como você conseguiu grana pra ir a Paris e comprar essa Ferrari?*

*– Imagine você que eu estava cantando em um bar, na semana passada, e um produtor gostou da minha voz. Fechei um contrato de seis meses para fazer shows em Paris... A propósito, a amiga deseja algo de lá?*

*– Desejo, sim. Se você encontrar um tal de La Fontaine por lá, manda ele pro DIABO QUE O CARREGUE!*

*MORAL DA HISTÓRIA: “Aproveite sua vida, saiba dosar trabalho e lazer, pois trabalho em demasia só traz benefício em fábulas do La Fontaine.”*

*Fábula de La Fontaine reelaborada.*

*Disponível em: [www.geocities.com/soho/Atrium/8069/Fabulas/fabula2.html](http://www.geocities.com/soho/Atrium/8069/Fabulas/fabula2.html) com adaptações.*

*Em relação ao texto original da fábula, percebe-se ironia no fato de que:*

*a) a cigarra deixar de trabalhar para aproveitar o Sol.*

*b) a formiga trabalhar e possuir uma toca.*

*c) a cigarra, sem trabalhar, surgir de Ferrari e casaco de visom.*

*d) a cigarra não trabalhar e cantar durante todo o outono.*

*e) A formiga possuir o nome “trabalho” e o sobrenome “sempre”.*

A análise dessa questão será um pouco diferente das demais, pois não tive acesso ao número de erros e acertos dos discentes. Ao observamos os itens A, C e D, notamos que os três remetem ao humor, porém somente na alternativa C percebemos o traço de ironia. A ironia é utilizada para dizer algo oposto ao que se disse, causando, dessa forma, um jogo de sentidos que leva ao deboche ou ao riso. Nesse caso, o fato que desencadeia a estranheza, o deboche, é alguém ser recompensado sem se esforçar muito para isso. Nessa versão

da história, a cigarra foi reconhecida pelo seu talento, ou seja, para que você consiga ser bem-sucedido não precisa trabalhar braçalmente, basta ter talento. Analisaremos melhor esse item nos próximos parágrafos. Portanto, podemos inferir que quem assinalou as alternativas B e C, provavelmente, desconhece o que seja ironia, pois o fato de a formiga ser trabalhadeira e possuir uma toca não remete ao oposto, ao estranho.

No texto dessa questão, vemos dois processos dialógicos que são os diálogos que um texto mantém com outros implícita ou explicitamente, sendo possível perceber com certa facilidade o texto que está sendo retomado. Há diálogo entre diversos discursos que são retomados e que atravessam uns aos outros.

O processo de intertextualidade é explícito nesse caso, já que é fácil vermos a retomada de uma famosa fábula de La Fontaine em que os personagens Cigarra e Formiga exercem os respectivos papéis de preguiçosa e despreocupada, trabalhadeira e responsável. Quando chega o inverno, a formiga tem a despensa sortida, enquanto a cigarra, que passou o verão cantando, não tem o que comer. Percebemos que o discurso predominante é retomado do discurso religioso de que temos de produzir o nosso alimento com o suor do rosto.

O autor do texto retoma a fábula de La Fontaine invertendo o discurso predominante, demonstrando que os discursos são flexíveis e estão relacionados a um contexto sócio-histórico e cultural.

Como as formações sociais são mutáveis, os discursos também o são e o que predomina na sociedade capitalista não é a valorização de um trabalho árduo e sim o talento e a capacidade de aparecer, se tornar estrela. O autor demonstra que o trabalho árduo dá aos sujeitos subsistência e não luxo, ou seja, o que é valorizado em nossa sociedade é o estrelismo. Por isso, a cigarra, que passa o tempo todo cantando, de repente aparece de Ferrari e um casaco de visom e ainda passará o inverno em Paris, mesmo sem ter feito o esforço da formiga. Percebemos que a heterogeneidade faz parte dos discursos que não são homogêneos e nem fechados, pois o que vemos são dois discursos que se contrapõem em relação ao trabalho. Um defende a ideia de que devemos trabalhar duro e o outro de que devemos dosar trabalho e lazer.

Um dos enunciados que instaura o humor e demonstra o relacionamento entre os enunciados que são esquecidos e retomados com outros significados é “Se encontrar um tal de La Fontaine por lá, manda ele pro diabo que o carregue!” Vemos a retomada de um texto com novos sentidos, e a responsabilidade pelos novos sentidos é atribuída ao autor do texto retomado, mas sabemos que os sentidos não estão no autor e nem no texto, mas são construídos na relação destes com processos históricos e sociais.

É aparente no texto o discurso parodístico e irônico em que o autor repete literalmente o discurso do outro a fim de

hostilizá-lo, ou seja, a fim de transformá-lo. Segundo Bakhtin (2010), “o discurso parodístico é análogo ao emprego irônico e todo emprego ambíguo do discurso do outro, pois também nesses casos esse discurso é empregado para transmitir intenções que lhes são hostis” (BAKHTIN, 2010, p. 222).

Essa questão demonstra que o processo de compreensão só se dá através de atitude responsiva e dialógica, pois o processo de compreensão requer a percepção da retomada de um texto conhecido de forma irônica e hostil. E principalmente que o processo de compreensão está ligado a uma historicidade que é exterior ao texto e que faz parte da produção de sentidos.

### **Considerações Finais**

Através da análise do enunciado das questões, percebemos que não há processo de compreensão se não levarmos em consideração o linguístico, o histórico e o social, ou seja, o contexto da enunciação, pois é no contexto de enunciação que enunciados esquecidos são retomados e passam a fazer sentido em nosso discurso.

Observamos que não há como captarmos o sentido se não descrevermos e interpretarmos simultaneamente, pois é através do linguístico que podemos justificar nossas interpretações. O tempo todo nós vemos o jogo entre o tema e a significação, entre o linguístico e o histórico, bem como o dialógico que se dá entre textos e discursos.

Na primeira questão, fica bem claro que os sentidos são produzidos através de deslocamento da significação e da ordem das frases que estão relacionadas ao sinal, ou seja, o significado estável, reiterável sofre deslocamento, causando o efeito de humor. Os efeitos de sentido são produzidos também quando deslocamos elementos linguísticos, como observamos na interpretação feita pelo menino do “se” e na ordem da frase S-V-P, e só percebemos isso através de nossa memória discursiva, dos implícitos e das regularizações. Por meio da análise dos itens e do percentual de erros e acertos, observando também a questão endereçada aos discentes do 9º ano, percebemos que os estudantes do 5º não conseguiram captar o humor do texto, pois houve maior número de erros do que acertos. Porém, precisaríamos de análise mais aprofundada para realmente medirmos o nível de conhecimento desses estudantes, o que não era a nossa intenção nesse artigo, pois focamos mais no aspecto da estrutura e efeitos de sentido da questão.

Na segunda questão, observamos que os enunciados mudam de sentido de acordo com as condições de produção, ou seja, o enunciado “Sou irmão da vítima” muda de sentido, e ao se perceber que a vítima é um burro, isto é, nessas condições de produção, ser irmão da vítima não é nada agradável, não traz nenhuma vantagem, por isso, há o deslocamento de sentido e o efeito de humor. Por meio da análise dos itens e do número

de acertos, observamos que os estudantes do 9º conseguiram captar o humor do texto, mas isso não nos dá a perspectiva real de conhecimento desses estudantes em relação à compreensão dos textos de humor. Apesar de termos falado sobre esse aspecto, nossa intenção era analisar a questão e os efeitos de sentido produzidos pelo texto.

No terceiro texto, o que percebemos é o processo dialógico que se dá entre dois textos, é o discurso parodístico em que a imitação do discurso do outro se dá de forma a hostilizá-lo. Nesse caso, a compreensão exige a percepção do diálogo entre os textos e a contraposição dialógica que se estabelece entre os discursos sobre o trabalho, porém percebemos que o diálogo não é de concordância. Aqui não há dados de acertos ou erros, pois se trata de um modelo de questão. Não nos atentamos para esse fato, pois a nossa intenção era analisar a questão e tipo de questionamento feito aos discentes em relação ao humor e aos aspectos irônicos. Para analisarmos os dados estatísticos de erros e acertos nesse tipo de questão, teríamos que fazer outra pesquisa voltada para esse aspecto.

Portanto, percebemos que os textos humorísticos têm diferentes complexidades de compreensão: alguns são de fácil percepção, outros são bem mais complexos. Apresentam implícitos, inversões, deslocamentos que exigem do leitor uma atitude responsiva através do acionamento da memória discursiva e da ligação entre o tema e a significação, o linguístico e a exterioridade. Os textos humorísticos exigem uma percepção de que são atravessados por diversos discursos, porém, isso não quer dizer que os sentidos estejam no leitor, mas na relação entre ele, o texto e o contexto social, histórico e ideológico. É papel da escola levar o discente a um processo de compreensão em que o linguístico seja extrapolado, acionando os processos culturais, ideológicos e históricos que permeiam todos os gêneros.

## Referências

ACHARD, Pierre. **Papel da Memória**. Tradução e introdução: José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Fontes, 2011.



BAKTHIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 13. ed. São Paulo, Hucitec, 2012.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Testes e Questionários**. Publicado em 31/08/2020 e atualizado em 18/12/2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb/testes-e-questionarios>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. **PDE: Plano de desenvolvimento da Educação Básica: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos, descritores**. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2011.

COURTINE, J. J. O chapéu de Clémentis. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1999, p. 15-22.

OTTONI, Maria Aparecida Rezende. Os gêneros do humor no ensino de língua portuguesa: uma abordagem crítica. 2007. 399 f. Tese (Doutorado em Linguística) \_ Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PÊCHEUX, Michel (1988). **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1997.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.